

## **ENTRE SERINGAIS E PIAÇABAIS: movimentos, memórias e trajetórias de um ancião baré na região do Rio Negro na Amazônia brasileira<sup>1</sup>.**

*Luiz Augusto Sousa Nascimento\**

*Instituto Federal do Maranhão -IFMA*

*Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação -LEPTE-IFMA-CNPq*

**Resumo:** A pesquisa, narra etnograficamente, a trajetória de um ancião baré, a partir da perspectiva de “situações históricas” tomando como pressupostos, memória e movimento. Durante as etapas da pesquisa de campo, percorremos em antigas comunidades, sítios e colocações situadas entre seringais e piaçabais, identificando espaços e ambientes que nos auxiliou a elucidar fenômenos sociais que marcaram a trajetória do ancião e seu grupo de parentela. No contexto da política indigenista oficial de integração de populações indígenas ao conjunto da sociedade nacional, os Baré, no ano de 1950 foram considerados extintos pelo SPI. Nesse contexto, a trajetória do líder Caetano de Jesus Melgueiro Baré se vincula as situações de identidades fluidas. Compulsoriamente, suspendeu a sua “indianidade” e se amalgamou à população de seringueiros e piaçabeiros, trabalhando sob a égide do sistema de aviamento. Evidenciou-se que o ancião baré, tornou-se líder de seringueiros, dos piaçabeiro, virou freguês, patrão e foi considerado um xamã superior no rio Negro. A pesquisa lançou luz sob um conjunto de fenômenos sociais e situações histórias, procurando alinhar a trajetória do líder indígena na sua “transversalidade”. Caetano de Jesus Melgueiro, faleceu no ano 2010 aos 104 anos na comunidade que fundou às margens do rio Preto, no Médio Rio Negro.

**Palavras-chave:** Baré, rio Negro, trajetória e aviamento.

### **INTRODUÇÃO**

Os povos indígenas da região da conga do rio Negro no noroeste Amazônico se caracterizam por terem passados por situações históricas comuns (“as guerras justas”, ciclos da borracha, ação missionária salesiana, tempo dos patrões), assim como a região é marcada por elementos culturalmente endêmicos, tais como a exogamia linguística, as relações de patrão-freguês, a dinâmica socioespacial do território, o sistema de aviamento, o xamanismo entre outros. Esses elementos são suficientes para perceber que no rio Negro forma-se um sistema social complexo, porém convergente para a manutenção das relações intercomunitárias, caracterizando-se um cenário formado por populações multiétnicas e multilinguística. Outros aspectos sociais, como as histórias orais, o centralismo no jurupari, o *dabukuri* e os principais cerimoniais que são compartilhados

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

\* Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, coordenador do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Etnologia - LEPTE-IFMA-CNPq e pesquisador associado ao Centro de Trabalho Indigenista – CTI.

de modo impressionante entre os indígenas do alto ao Médio Rio que são fundamentais para as relações intercomunitárias<sup>2</sup>.

O fato das populações indígenas rionegrinas serem consideradas flutuantes ou de fácil mobilidade socioespacial, que é diferente de populações nômades ou seminômades, faz como que autores como Peres (2007), Meira (1996, 1993), explicitem que a dinâmica territorial está relacionada estreitamente ao sistema de trabalho introduzido pelos colonizadores, sobretudo, quando o sistema de aviamento começou a se intensificar na região a partir do primeiro ciclo da borracha no início do século XX, período em que se estabeleceu com mais tenacidade, o referido sistema, que se configura numa relação assimétrica entre patrão-freguês. Autores como Andrello (2004, 2006, 2010), Junio Felipe (2018) procuram explicar a dinâmica socioespacial dos povos indígenas rionegrinos por outro prisma, tais como as orientações das “rotas de criação e transformações” vinculadas às concepções das narrativas míticas, assim como pautados em estudos da “etno-arqueologia” consagrada pelos próprios indígenas da região, como o mapa deixado pelos ancestrais, quando se referem aos marcos petrografados ao longo do rio Negro<sup>3</sup>.

Nesse cenário da mobilidade socioespacial, passei a observar a trajetória do ancião Caetano de Jesus Melgueiro Baré. Seu pai, um Baré nascido no Cucuí no Alto Rio Negro e sua mãe uma Tariana nascida no Tiquié foram seduzidos pelos patrões da borracha no início do século XX e se tornaram fregueses, ingressando na política do sistema de aviamento, deixando o Alto rio para trabalhar nos seringais do médio rio, contrariando a política clânica local, pois sua parentela ocupava moradias na cabeceira do rio, logo supostamente pertencente a uma parentela hierarquicamente superior do ponto de vista político<sup>4</sup>.

O artigo, que foi construído com a colaboração de muitas pessoas ligadas a seu Caetano por laços dos mais variados possíveis: parentes afins, potenciais, compadrios e, parentes encantados, estes últimos transmitem constantemente informações a respeito do ancião às pessoas especializadas. Muitas das informações foram capturadas durante as longas viagens de canoas que fiz juntos as pessoas que tiveram afinidades com o ancião, todavia estive sempre consciente da subjetividade própria de cada narrador.

---

<sup>2</sup> Autores como ANDRELLO (2009, 2010), JUNIO FELIPE (2018) afirmam que existe uma tradição narrativa compartilhada no rio Negro.

<sup>3</sup> Sobre rotas de criação e transformação e a história do rio Negro narrada pelos indígenas ver ANDRELLO (2008, 2009, 2010)

<sup>4</sup> Sobre hierarquia clânica no rio Negro, ver RODRIGUES (2012)

As longas viagens de canoa foram fundamentais para o propósito do trabalho, pois as paisagens, espaços, antigas moradias, seringais e piaçabais funcionavam com voltar para o passado para entender o presente, pois propiciou e propicia *insight* para vir à tona histórias ou acontecimentos marcantes para os grupos locais e para a região como todo. Neste sentido, as narrativas conseguidas durante a minha estada no rio Negro não constituem – não pode constituir – um relato objetivo e exaustivo da vida do ancião aqui sublinhadas, pois não pretendo formatar uma cronologia da sua vida, mas esboçar a antologia, a partir das metamorfoses que passou o velho baré em processos de justaposição: indígena, seringueiro, piaçabeiro, freguês, patrão e xamã.

A proposta do artigo não é esgotar a vasta experiência vivida pelo seu Caetano de Jesus, mas descrever em poucas linhas, alguns momentos da sua trajetória, dando ênfase as narrativas pós-fúnebres, pois depois do seu falecimento, as pessoas passaram a considerá-lo como um grande xamã. Também explicito sua atuação como líder dos moradores da calha de rio Preto. A região da bacia do Padauri-Preto durante muito tempo foi objeto de especulação por parte dos grandes patrões e, mais recentemente, passou a ser cenário de disputa por espaços entre indígenas, patrões da piaçaba e os empresários do turismo esportivo.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira secção descrevo de forma sucinta, os aspectos gerais da pessoa Caetano de Jesus, tomando como referência, as narrativas contadas pelos seus filhos, filhas, genros, noras e vizinhos, assim como uma pequena entrevista que fiz com o ancião durante a minha primeira pesquisa de campo na calha do Negro no ano de 2010. Na ocasião, o ancião se encontrava bastante fragilizado e a enfermidade afetou a sua mobilidade, todavia, ele respondeu as minhas questões por intermédio de uma das suas filhas e da esposa – Luiza Melgueiro. Na segunda parte, descrevo a vida do ancião nos seringais, nos piaçabais, bem como a reputação de xamã que lhe foi dado depois do seu falecimento no ano de 2011. Na última secção, relato a situação de poligamia encantada que foi vivenciado pelo ancião. Na região do Padauri-Preto é comum ouvir narrativas em que os narradores enfatizam que seu Caetano de Jesus se casou com uma mulher encantada, onde constituiu prole e que os entes encantados participavam da vida diária do ancião. Depois do seu falecimento, os filhos encantados foram protagonistas do ritual fúnebre como veremos.

## **MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DO ANCIÃO CAETANO BARÉ.**

A região do Médio Rio Negro desde a chegada dos colonizadores europeus passou por grandes fluxos migratórios de populações indígenas de diferentes matrizes culturais. Também a região já viveu momentos de prosperidade política e econômica, pois a cidade de Barcelos se tornou a primeira capital do Amazonas. Na perspectiva econômica, o Médio Rio Negro teve impactos considerados para os interesses colonial, forneceu durante mais de dois séculos, as principais matérias primas para exportação em todo o rio Negro: a seringa e a piaçaba. Portanto, durante a metade do século XIX e boa parte do século ocorreu grandes fluxos migratórios de famílias indígenas que desceram do Alto rio para a região Médio Rio Negro impulsionados por diversas vias: aliciados pelos patrões e se enquadrando no sistema de aviamento; busca pelo reencontro de parentes; a sazonalidade da região bem definida que impulsiona os indígenas a se mobilizar orientados numa estrutura socioespacial que levam em conta muitos aspectos físicos, culturais, porém sem perder as suas respectivas orientações territoriais de pertença.

Nesse contexto que os pais de seu Caetano de Jesus chegaram ao Médio Rio Negro no início do século XX quando se filiaram ao um patrão para trabalhar na extração de látex sob o regime do aviamento. No seringal os pais do velho ancião passaram por várias situações, presenciaram morte de vários indígenas vítimas de paludismo (malária) e outras doenças tropicais, assim como assistiram a atrocidades violentas de patrões para como os fregueses indígenas. No rio Padauri nas décadas de 1920 e 1930 ocorreram lutas sangrentas entre os patrões militares e indígenas, principalmente os Baniwa, que eram tidos como índios feiticeiros<sup>5</sup>.

Nas três primeiras décadas do século XX, a região do Médio Rio Negro foi dominada por patrões de diferentes frentes de ação exploratória, porém havia uma predominância dos patrões militares, aqueles que chegaram à região via órgão indigenista oficial – SPI, ou aqueles que usavam a farda e armas para ameaçar indígenas e escravizá-los para o serviço compulsório em seringais, remadores de grandes embarcações, serviços domésticos entre outros serviços deploráveis. O cientista higienista brasileiro Carlos Chagas quando incursionou a região amazônica no ano de 1912, relatou que: “É no rio Negro que se encontra a condição mais primitiva de trabalho”, se referindo aos abusos violentos que os patrões destinavam aos indígenas pelo viés do sistema de aviamento.

---

<sup>5</sup> Sobre as lutas entre patrões e Baniwa no rio Padauri, ver NASCIMENTO (2017, 2011); MEIRA (1993, 1996)

No contexto dos padrões violentos, da predominância do sistema de aviamento e da invisibilidade das ações estatais na região rionegrina, que no ano de 1907 nasceu Caetano de Jesus Baré, no seringal Bom Jesus no baixo Padauri.



Fonte: NASCIMENTO (2011)

A infância e adolescência do ancião foi impactada por grandes perdas. Seu pai foi vítima de paludismo quando ele tinha doze anos. Nesse período passou a trabalhar arduamente no seringal para ajudar as mãe e mais dois irmãos. Aos quinze anos sua mãe perece e, a partir de então, se transformou em freguês, trabalhando para o patrão José Bento, um dos pioneiros na exploração de seringa e piaçaba no rio Preto, afluente do rio Padauri pela margem direita.

Caetano de Jesus trabalhou arduamente para o patrão José Bento, sempre mantendo a honra de um bom freguês, em que pese, o “bom” freguês é aquele que contraria dívida e tem a dignidade de pagar sua dívida com produtos e tirar saldo das mãos do seu patrão. Conhecido como “bom freguês”, Caetano sempre procurou manter sua dignidade como exemplo de homem trabalhador. Por essa reputação, se tornou afilhado do patrão José Bento<sup>6</sup>. Ser afilhado de patrão mantinha um certo status,

<sup>6</sup> Quando Sr. José Bento faleceu ficou uma indefinição quanto à ocupação das terras do rio Preto que formavam o seu domínio. Houve algumas querelas com Olávio Bento, neto de José Bento, por disputas de

sobretudo, em uma região onde as relações de compadrio são fundamentais estabelecer relações sociais e políticas.

O status de “bom freguês” abriu as portas para outras funções. Virou *aviador*<sup>7</sup>, porque tinha crédito com os grandes patrões e passou a comercializar gêneros necessários (cachaça, fumo, açúcar, café, munição, sabão, entre outros) para uma pequena freguesia de indígenas que se libertavam dos grandes patrões e se instalavam em sítios e pequenas colocações ao longo dos rios Padauri e Preto.

Sua vida como *aviador* não foi longa. Deixou de se ser *aviador* e passou a ser *contador*<sup>8</sup> de um grande patrão chamado Araquém. Esse patrão passou a propiciar viagens mais distantes ao longo do rio Negro. Nessas viagens que conheceu Luiza Melgueiro uma índia Curipaco que nasceu em Maroa na Venezuela. Ela havia sido adotada por um tio materno depois que seus pais terem sido assassinados pelos comerciantes que recrutavam indígenas para trabalhar na extração da borracha no médio rio. Luiza Melgueiro conviveu como Caetano de Jesus por mais de oitenta anos. O casal teve doze filhos, a maioria nascidos na região do Padauri-Preto.

A região do Padauri-Preto se destaca por apresentar uma das maiores áreas de piaçabais de toda região amazônica. No ano de 1954, o rio Preto passa a ser especulado pelos patrões, que passaram a solicitar da municipalidade, a posse de grandes áreas, desconsiderando que na região se constituía como áreas de ocupação tradicional de indígenas. Nesse período, o órgão indigenista oficial – SPI, passou na região e considerou que toda a população ocupante local estava integrada à comunhão nacional, portanto, decretando que no Médio Rio Negro, as populações locais eram formadas por caboclos que conviviam harmoniosamente com amplas redes de instituições:

O meu pai dizia que quando ele chegou no rio Preto por volta de 1950, não havia mais índios bravos na região, os poucos que estavam lá, estavam acuados com medo de perseguição dos militares e os próprios parentes. Somente se falava de um grupo Baniwa que viviam escondidos no meio da mata grande porque eles eram feiticeiros e estavam fugidos. Os Baniwa nem se aproximava da civilização, nem queriam trabalhar de jeito nenhum. Eram desconfiados, mas também, ninguém queria aproximação. (Edson Marat, comunidade Malalahá, Rio Preto, outubro de 2010)

---

terras que até hoje não foram resolvidas. O Sr. Caetano começou trabalhando como freguês e depois se tornou gerente do patrão José Macedo

<sup>7</sup> Aquele que não é patrão, mas comercializa ou avia pequenas mercadorias.

<sup>8</sup> Contador no sistema de aviamento é uma pessoa encarregado de anotar as mercadorias que são repassadas para os fregueses, pois na maioria dos casos, os patrões não são alfabetizados.

Observa-se que há um discurso da anulação da presença indígena no Médio Rio Negro e os que permaneciam foram transformados em caboclos. Nesse contexto, o ancião baré anulou a sua identidade baré, tornando-se um caboclo no sentido *stricto* empregado para boa parte da população indígena amazônica considerados como indígenas integrados, ou seja, aqueles que deixaram de falar suas línguas maternas, passaram a trabalhar no sistema de aviamento, passaram a frequentar escola primária e mantinham convivendo harmoniosa como o colonizador. Para as concepções da política indigenista da época, Caetano de Jesus se enquadrava nas características de um índio integrado que havia sido amalgamado pela “cultura cabocla amazonense”. Por ter garantido o status de “bom freguês”, o ancião passou a ocultou a sua identidade baré, sendo conhecido na região como homem trabalhador cuja reputação centrava na pessoa que estava no “caminho da civilização”.

Seu Caetano era visto no rio Negro como um homem que honrava as suas palavras. O compromisso que firmava com uma pessoa tinha muita validade. Por isso, os patrões, os padres e os cristãos que por aqui passavam tinha nele toda a sua confiança. Ele era mais civilizado do que os outros índios. Tinha uma sabedoria que parecia que não era do mato. Por onde ele passou tirou proveito de tudo um pouco, sabia tomar nota de tudo. O seringal foi a sua escola, lá tinha gente de todos os jeitos e de todo os lugares, até do Rio de Janeiro. (Patrão Osmar Guerra, Colocação Boqueirão, Rio Preto, outubro de 2010)

Portanto, boa parte da trajetória de Caetano de Jesus se estabeleceu no seio dos seringais exercendo funções diversas. No seringal ele apreendeu muitas coisas com nordestinos. Noticiam que o conhecimento que adquiriu sobre magia e benzimento foi legado da convivência com os *arigós*, principalmente maranhenses com quem ele estabeleceu laços fraternais, incluindo relações de compadrio e alianças matrimoniais bilaterais de reciprocidade, pois três dos seus progénie casaram com três filhos e filhas de um seringueiro.

No ano de 1960, quando a seringa deixa de ser um produto de grande procura na região, Caetano e sua prole passaram a fixa moradia no igarapé Bibiano, na margem esquerda do Médio Rio Preto. Durante esse período, o ancião passou a se dedicar ao trabalho da extração da piaçaba, produto que passa a ser um dos mais procurados para trocas. No igarapé Bibiano, Caetano de Jesus moravam junto de uma pequena parentela, como os irmãos e cunhado do pai adotivo da sua esposa, dona Luiza. Nesse período, o ancião relatou que o rio Preto e Padauri já era ocupados por famílias de baniwa e tukano, mas também já havia vários patrões por lá que circulavam a região mapeando áreas de piaçabais.

A comunidade de Tapera, próximo ao igarapé Bibiano á despontava como uma área de concentração de muitos patrões. De acordo com o ancião, os patrões afugentaram muitos indígenas que tomaram direção rio acima: *“eles não deixavam passar índio aqui. Os patrões aprisionavam e se resistisse levava chumbo na venta”*. A comunidade de Tapera já foi referência no comércio local e no seu porto havia embarcações de grande porte que transportavam borracha e a piaçaba para Manaus e traziam de lá uma vasta quantidade de mercadorias industrializadas. Os antigos moradores de Tapera se dedicavam mais ao trabalho no seringal, não dando muita importância para a piaçaba; por esse motivo, poucos se aventuravam em construir sítios na calha do rio Preto, pois o referencial de moradia era a comunidade que se destacava pela sua prosperidade econômica, e que quase chegou a se tornar cidade devido a sua importância socioeconômica para a região do rio Negro.

Apesar do controle dos patrões sobre a região em tela, havia muitos indícios que famílias de baniwa e tukano haviam subido o rio antes dos patrões se autolegitimarem como os donos dos rios e igarapés. Os indígenas permaneciam refugiados mata adentro para fugir do sistema de aviamento. Por outra via, acima do rio Preto vinculavam informações da presença de grupo de yanomami ocupando os interflúvios e que eram vistos como “os selvagens”. Sobre os Yanomami, o Sr. Caetano de Jesus afirma tê-los conhecido no final da década de 1950:

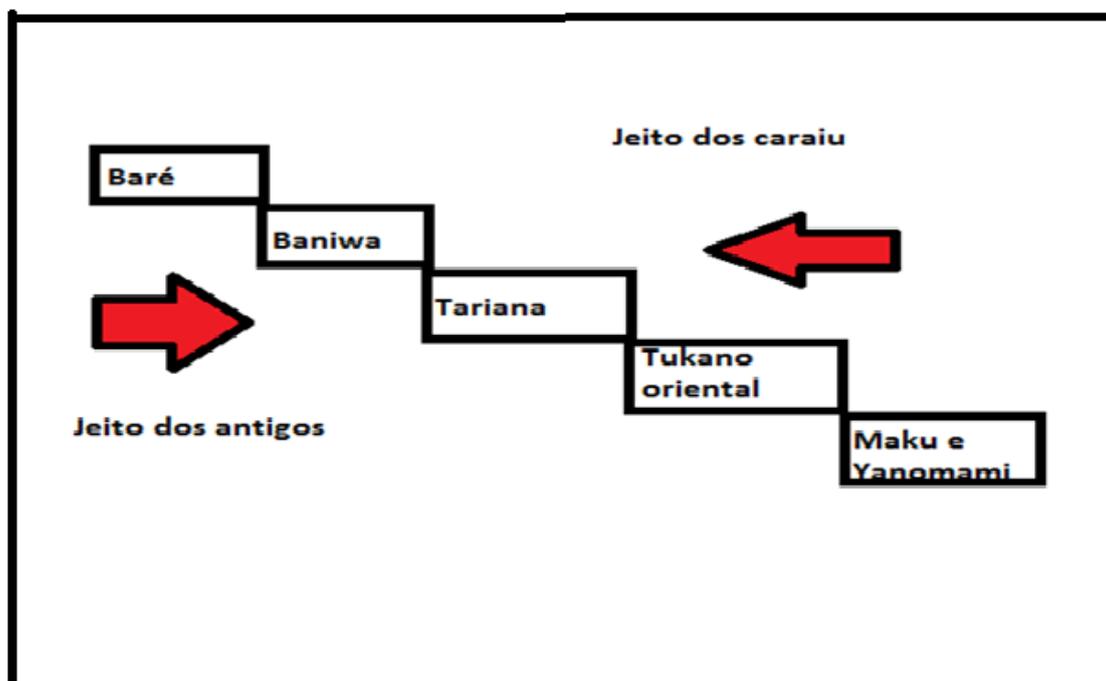
“Eles estavam para cima do rio, porque as pessoas tinham muito medo de subir o rio Preto devido à agressividade deles. Os Yanomami, que eram temidos na região. Eles vinham para negociar espingarda, panela, machado, vinha só fazer troca. A gente tinha muito medo deles, eram índios bravos mesmo. Eu já tinha conhecimento de algumas as coisas do homem da cidade, tínhamos conhecimentos de governo do Brasil, do Rio de Janeiro, mas os Yanomami não sabiam de nada, eram tontos como uma anta, mas muito ágios em outras coisas. Eles mexiam em nossas coisas e não se importavam com nada, só não podia mexer com as mulheres deles, mas nós nem proseava, trocava mercadoria e cada um ganhava seu caminho. A gente não era mais índio do jeito deles”. (Caetano de Jesus, Campina do Rio Preto, agosto de 2010)

A concepção do ancião referente a outros povos indígenas é vista do primas da internalização do índio como caboclo<sup>9</sup> ou “semicivilizado”. Ele via os Yanomami a condição mais baixa de índios e rejeitava a aproximação por acreditar na condição que os Yanomami representavam o “bom selvagem”; em contrapartida, afirmou que era melhor

---

<sup>9</sup> Trataremos aqui de uma categoria social de difícil categorização, de um objeto difícil de ser objetificado – o caboclo amazônico. No caso específico da categoria caboclo, é uma categoria de atribuição pelos outros e não de auto atribuição, uma categoria de acusação e não de reconhecimento de direitos e prerrogativas.

se aproximar dos *caraiu* que falavam no rio negro duas línguas que todos entendiam: a língua portuguesa e o *nheengatu* e que acreditava que seria possível sair da condição de caboclo e ser um “bom freguês”. Existem uma classificação generalizada no rio Negro que posicionam os Yanomami e os Maku como índios inferiores hierarquicamente.



Fonte: NASCIMENTO (2017)

Mesmo com todo paradoxo demonstrado pelas suas concepções referentes aos Yanomami, Caetano de Jesus nascido dentro de um seringal dominava a língua dos baniwa, com quem conviveu muito tempo no igarapé Diogo, no Médio Rio Preto. Ele também falava o *nheengatu*<sup>10</sup>, mas com o passar do tempo e o contato com os patrões e missionários esqueceu a língua baniwa. Depois passou a falar somente o *nheengatu* e a língua portuguesa, e assim também aconteceu com sua esposa, Dona Luiza, que falava castelhano e a língua arawak dos Coripaco, passando a falar somente a língua geral e a língua portuguesa, sobretudo, quando núcleos de parentela que trabalhavam na extração da piaçaba no Padauri-Preto decidiram erguer suas habitações em sítios e comunidades.

Na metade de década de 1970 o núcleo de parentela do ancião passar a habitar o sítio Campinas, constituído de quatro casas: Sr. Caetano de Jesus morando com a sua esposa e oito filhos, os pais adotivos da dona Luiza e os patrões Fernandes Guerra e José

<sup>10</sup> O professor José Ribamar Bessa em comunicação pessoal, afirmou que em 1920 o *nheengatu* passou a ser considerada língua de índios, sobretudo de identidade dos Baré. Citou o exemplo de uma índia Baniwa que pelo fato de falar *nheengatu* passou a se identificar como Baré.

Macedo, este último permanecendo somente durante suas espaças passagens pelo rio Preto.

No ano de 1971, após uma querela por causa de “fuxico” relacionado ao contrabando de armas, o Sr. Caetano assassinou o pai adotivo da Dona Luiza<sup>11</sup>. Na ocasião, ele ficou recluso em uma delegacia na cidade de Santa Isabel durante dois anos, quando foi resgatado pelo patrão Araquém, que pagou fiança pela liberdade do freguês. Depois Sr. Caetano de Jesus ficou “preso” nas garras desse patrão, virando freguês e trabalhando arduamente nos piaçabais para pagar a dívida que contraíra junto a ele, tendo se libertado somente três anos depois quando o patrão faleceu e os seus herdeiros o liberaram da dívida, procedimento não comum na região, pois quando o patrão ou o freguês perecem, o crédito ou a dívida é repassada para os parentes vivos.

Nos finais da década de 1970, o poder do patrão mais forte da região, José Macedo, havia diminuído e boa parte dos fregueses dele migrou para as mãos de novos patrões que iam surgindo, ou seja, é um período em que houve um afrouxamento da patronagem por causa de circunstâncias adversas que acometiam a região do Médio Rio Negro, tais como, a aproximação com as cidades, pois com a “facilidade” em adquirir motor combustível, os indígenas passaram a frequentar com mais intensidade as cidades, adquirindo uma pequena autonomia no direito de ir buscar diretamente a sua mercadoria ou contrair dívidas diretamente com o patrão da cidade.

Esse contexto ampliou relações sociais, por exemplo, a aproximação com os comerciantes das cidades, que nesse período começavam agenciar os fregueses, principalmente, aqueles que estavam solicitando aposentadorias pelas vias da previdência social nacional.

No final da década de 1970, Caetano de Jesus ficava num movimento pendular de idas e vindas para a cidade de Santa Isabel do Rio Negro para visitar parentes, principalmente os irmãos de seu pai que passaram a habitar em sítios abaixo de São Gabriel da Cachoeira. Nessas idas e vindas ele foi convencido pelos seus tios que teria que internar seus filhos no colégio dos salesianos em Santa Isabel do Rio Negro, com o objetivo de educá-los e lhes dar “civilidade”. Dois dos seus filhos estudaram no internato Salesiano de Santa Isabel, que foi construído na década de 1940. Depois que a família se

---

<sup>11</sup> Antônio Buyawaçu, genro do anciã Caetano de Jesus comentou que era muito perigoso trabalhar no comércio, porque nos anos de 1960 e 1970 havia muito contrabando de armas da Venezuela e Colômbia para o Brasil. Os contrabandistas trocavam armas por alimento colocando em risco a vida dos indígenas, patrões e regatões da região

assentou no sítio Campinas, os outros filhos passaram a ser alunos em regime de internato da escola salesiana na cidade de Santa Isabel<sup>12</sup>. Os filhos que se encontravam internos na escola Salesiana somente regressaram para o rio Preto no final da década de 1970, quando viraram fregueses e passaram a trabalhar no regime de aviamento sob a custódia dos patrões. Nesse contexto, a parentela do ancião não sabia se eram indígenas o estavam mesmo amalgamados. Eles tinham muitas dúvidas quanto a sua pertença como indígena.

De acordo com relatos do Sr. Caetano de Jesus existiam uma grande confusão quanto ser ou não ser indígenas, porque tudo era arbitrariamente imposto a eles. Por exemplo, em 1960 passou um barco com inspetores do Serviço de Proteção ao Índio – SPI – para cadastrar os moradores do rio Preto como população indígena e classificaram os moradores do rio Preto como caboclos. Na década de 1990, veio um grupo de pesquisadores da Fundação Nacional do Índio – FUNAI – e classificou sua esposa, dona Luiza, como indígena pertencente ao grupo baré da Venezuela, quando na verdade ela era Coripaco. Então, o sítio Campinas era ocupado por uma população multiétnica.

Somente na década de 1980, Campinas do Rio Preto passou a ter *status* de comunidade, antes era assistida pelos padres da paróquia de Barcelos, que forneciam medicamentos e auxílios na escola e no catecismo. Para Campinas se tornar comunidade, houve um processo duradouro. Esse processo foi mediado pelos missionários salesianos na pessoa do padre José Schneider e da irmã Maria Rosa, ambos da diocese de Barcelos. No ano de 1985, a localidade foi reconhecida como comunidade e assistida com alguns benefícios públicos, tais como uma escola e um posto de saúde.

O primeiro *administrador* daquela comunidade foi justamente o Sr. Caetano de Jesus. Na sua administração, as pessoas trabalhavam arduamente e a produção era levada para a feira da Igreja em Barcelos, que recebia produtores agrícolas e extrativistas do interior para vender seus produtos. Nessa época, ele não deixava as coisas só na mão do patrão. Depois do seu Caetano, a história de sucessão dos administradores da comunidade de Campinas está relacionada diretamente com os filhos do ancião.

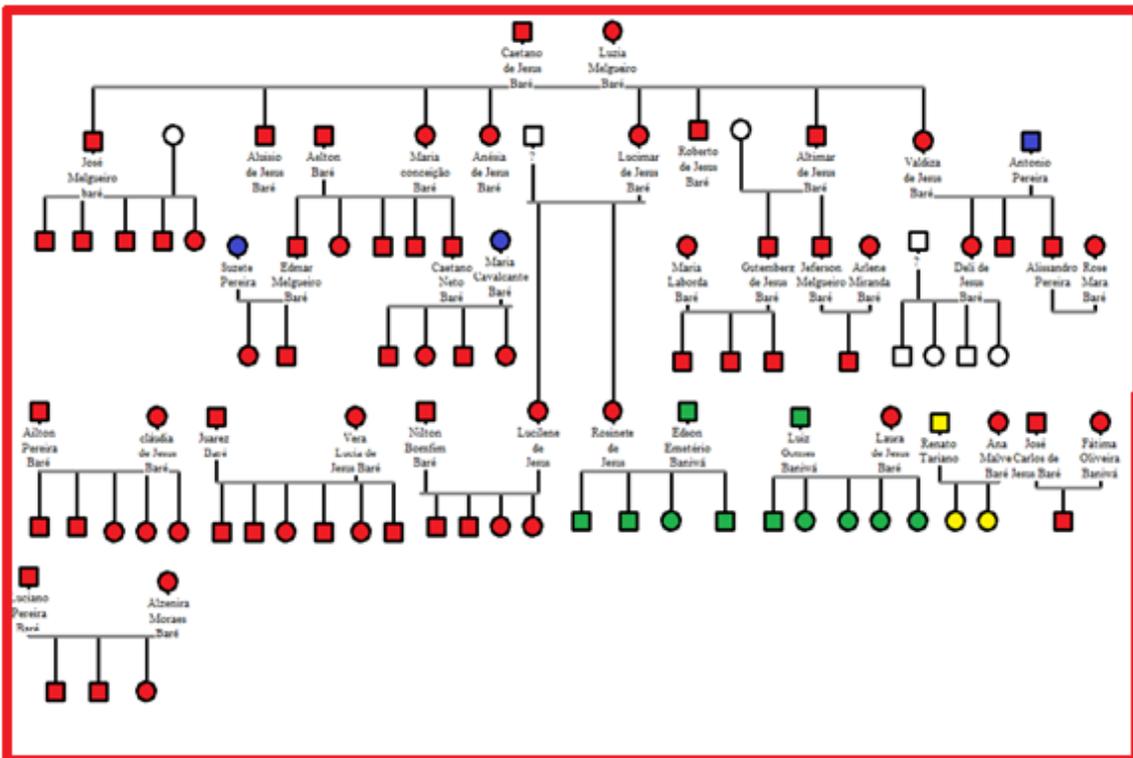
No ano de 1996, uma epidemia do cólera vitimou seis pessoas moradoras de Campinas do Rio Preto. As pessoas abandonaram, por dois meses, o local, ficando somente Caetano de Jesus, argumentando que não poderia abandonar a comunidade que ajudou a fundar. Nesse período, houve rumores de que Campinas do Rio Preto iria ser

---

<sup>12</sup> Dentre os principais colégios estabelecidos pelos Salesianos no rio Negro está o de Santa Isabel, criado em 1942. Neste e em outros centros educacionais, os povos indígenas foram sendo controlados e influenciados pela ação dos missionários, pautada, sobretudo pela “educação” das crianças indígenas.

habitada somente por encantados, haja vista que a localidade está assentada em cima de uma cidade encantada e, sobretudo, pelo conhecimento de que o seu fundador ter pacto com encantados, pois muitos moradores no rio Preto têm o conhecimento que Caetano de Jesus possui esposa, filhos, cunhados, enfim, uma família no “mundo do fundo”.

Atualmente, a comunidade se define como um aglomerado de famílias majoritariamente pertencentes ao povo baré; no entanto, há, em menor número, pessoas pertencentes a outros povos, tais como Baniwa e Tariana (Arawak), Tuyuka, Tukano e Pira-tapuia (tukano oriental).



Quadro diagramático da comunidade de Campinas do Rio Preto. Fonte: NASCIMENTO (2017)

Na memória coletiva dos moradores mais velhos de Campinas do Rio Preto há um crescente fluxo migratório na região do Padauri-Preto na década de 1960. Nesse período, a presença dos grupos que vieram do Alto rio passou a ser bastante marcante. A maioria destes acabou por unir-se aos que ali já estavam – os Baré e patrões de maioria nordestina. Portanto, a configuração populacional da região do Padauri-Preto é marcadamente *multiétnica* e “flutuante”, isto é, apresentando forte dinamismo sócio-espacial.

## **O MOVIMENTO INDÍGENA: chefia doméstica e política étnica.**

“Dizem que o Baré perdeu tudo. Isso não é verdade, o que nós estamos fazendo é recriando conhecimentos e ocupando os nossos espaços políticos. A FOIRN é hoje uma arma para nós indígenas. José Melgueiro de Jesus Baré, filho o anciã Caetano, Campinas do Rio Preto, setembro de 2013)

Os Baré, assim como a maioria dos povos indígenas do noroeste amazônico, sempre procuraram buscar as coisas dos outros, através da guerra, de alianças matrimoniais e trocas cerimoniais (WRIGHT, 1992, 1996; 1999). Isso não se faz diferente quando se trata de ter acesso às “coisas” dos brancos, como, por exemplo, acesso às políticas públicas e aos bens industrializados. A procura por bens industrializados, do ponto de vista analítico, pode ser considerada a “corrente fluvial” ou o canal de navegação que impulsionou e continua impulsionando canoas a *bubulhar*<sup>13</sup> rumo ao trabalho extrativista (borracha e atualmente piaçaba), assinalando uma relação sistêmica, ora simétrica, ora assimétrica, entre padrões e fregueses.

Atualmente, outros fatores (escola, postos de saúde) impulsionam famílias indígenas a migrarem de antigos territórios para outras localidades, sobretudo para as cidades de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos. O deslocamento para as cidades não desvincula as pessoas do seu território de origem, tampouco da vida política e cerimonial local (ritos de iniciação, as devoções aos santos e os compromissos com as festas). O território de origem é sempre acionado como uma marca identitária, de pertencimento. É justamente no território que as pessoas buscam forças para caminhar no mundo dos *caraiu*, através dos seus conhecimentos “tradicionais” e na forma como percebem o mundo.

A organização política dos moradores do Campinas do Rio Preto estabelece dois tipos de chefia: os chefes de grupos domésticos são aqueles que se configuram com líder locais, responsáveis em responder as questões ligadas diretamente à comunidade. Geralmente um chefe doméstico é uma pessoa com idade bem avançada que são legitimadas pela política hierárquica muito comum no rio Negro. Nesse sentido, a chefia doméstica é uma forma de gerontocracia. Já os chefes de associações são pessoas que dominam a escrita e a palavra dos colonizadores. Estes exercem somente assumem funções no bojo das associações estatutárias como a devida autorização dos chefes

---

<sup>13</sup> Categoria nativa que corresponde a navegar à deriva sobre a condução das correntes fluviais. Geralmente quando uma pessoa naufraga se diz que ele desceu de *bubulha*.

doméstico, na qual Caetano de Jesus pertencia. O ancião durante sua vida jamais participou do movimento indígena, todavia, junto aos demais chefes domésticos, delegavam seus representantes.

No rio Negro existem noventa e três associações indígenas ligadas a FOIRN e quinhentos e setenta e duas comunidades. Na região do Padauri-Preto existem duas associações, a Associação das Comunidades Indígenas do Rio Preto - ACIRP, fundada em 2002 e a Associação das Comunidades Indígenas do Padauri e Floresta – AIPF, fundada no ano de 2018 cujos planos de ação giram em torno de uma política étnica em defesa do território. Caetano de Jesus demonstrava muita desconfiança quanto ao movimento indígena, porque ele acreditava nas palavras das pessoas, mas agora o papel é necessário. Essa postura fez com que Caetano de Jesus passasse a apostar no potencial do movimento indígena, mesmo com todas as suas desconfianças.

Com a visibilidade do movimento indígena organizado pela FOIRN, lideranças políticas passaram a promover diálogos esclarecendo a importância de se manter organizados perante instituições que ecoam as vozes dos indígenas para além do rio Negro.

Para a maioria dos “chefes de grupos domésticos” e seu Caetano compactuava dessa posição, os procedimentos da demarcação são um aparato meramente de regulação do Estado e que garante em tese uma fiscalização oficializada nas mãos de órgãos federais, como por exemplo, a FUNAI e a Polícia Federal. Antônio Buyawaçu, genro do ancião baré fazia eco as prerrogativas do seu sogro, quando dizia que *“o território do seu grupo está mapeado na sua cabeça, mas admite que os caraiu não o reconheçam, por isso ele almeja a demarcação, tendo a garantia registrada no papel escrito pelos brancos”*; por outro lado, os chefes de grupos domésticos têm a preocupação com os patrões, que procuram disseminar as implicações negativas que a demarcação das terras pode trazer, principalmente se voltando para o trabalho dos patrões da piaçaba na região.

### **POLIGAMIA ENCANTADA: o xamanismo e as relações sociais tangíveis**

Todos no rio Preto compartilham da história que narra como o chefe fundador de Campinas do Rio Preto, Sr. Caetano de Jesus, manteve uma relação matrimonial com uma mulher encantada, constituindo relações sociais duradouras, construindo uma rede de parentesco sólida. A narrativa que segue foram contadas por Antonio Buyawaçu, genro do Ancião Caetano de Jesus.

A relação do ancião baré com os encantados iniciou-se quando ele era jovem. Uma noite, ele sonhou que estava sendo levado para uma cidade encantada por um grupo de homens vestidos com roupas estranhas. Quando chegou nesta cidade, foi muito bem recebido e conheceu várias pessoas diferentes. Eram homens-raias, “mulheres-sucuriju”, “mulheres-botas”, gente de todos os tipos. Ele achou as mulheres-botas as mais lindas e elegantes; as mulheres-raias parecidas com as caboclas amazonenses e as mulheres-sucuriju transpareciam mais serenidade. “*Nenhuma dessas mulheres tocou um dedo em meu sogro*”, mas ofereceram comida que foi recusada pelo ancião, como enfatizava seu Antonio Buyawaçu, narrando essa história ao lado da sua esposa. No rio negro é comum as pessoas afirmarem que aceitar comida do encantado ou espírito, mesmo em sonhos, é doença ou morte na certa. No sonho, Caetano recusou ser alimentado pelas mulheres, mas isso não criou nenhum constrangimento para ambos os lados. Ninguém chegou a maltratá-lo, mas aconselharam que fizesse visitas mais frequentes ao seu mundo<sup>14</sup>.

Depois de algum tempo, Caetano procurou se informar a respeito dos encantados com um velho freguês tuyuka que havia acabado de chegar ao rio Preto para trabalhar no seringal. As pessoas no Alto Rio Negro mantêm a fama de serem conhecedoras dos saberes da sobrenatureza. O ancião tuyuka primeiramente aconselhou que ele procurasse um pajé do seu povo, já que ele, sendo tuyuka, não sabia muito das “coisas das pessoas do rio Preto”, de modo que não poderia ajudar o amigo. O máximo, poderia dar conselhos quanto aos modos tuyuka de lidar com encantados. Nesta ocasião, o ancião baré chegou a procurar um curandeiro que trabalhava nos seringais do rio Padauri para que este lhe aconselhasse no que dizia respeito aos encantados. O curandeiro seringueiro realizou algumas sessões de rezas e benzimentos, com muita fumaça<sup>15</sup> de tabaco, breu e alho. Essas puçangas são encontradas com frequência entre os Baré nos rituais voltados para apaziguar encantos e nos “rituais de iniciação de criança na roça”.

Depois de casado, Caetano seguiu em sua relação com os encantados. Os encontros entre ele e a sua esposa encantada ocorriam sempre no rio Negro, principalmente quando ele parava para dormir em praias em época de verão. Antônio

---

<sup>14</sup> Nas religiões de matrizes africanas, como a *mina* e o *xangô*, o sonho com encantos pode significar um aviso que a pessoa precisa ser trabalhada para receber os encantos ou entidades de forma preparada. É também um aviso para a pessoa que ele possui o corpo aberto para receber entidades espirituais. Roger Bastide que pesquisou as religiões afro-brasileiras, fala em entidades espirituais com sendo incorporação de índios no sentido genérico.

<sup>15</sup> A fumaça do tabaco ocupa um lugar central, tanto nos rituais religiosos indígenas quanto nos afro-brasileiros, onde os curandeiros usam para defumar e purificar o corpo. O tabaco além de ser usado para repelir os encantados, ele tem também um amplo uso como conciliador e apaziguador.

Buyawaçu, seu genro e parceiro em suas viagens ao longo do rio Negro, é quem conta boa parte desses encontros, pois ele garante que já presenciou o velho se encontrando com sua família encantada. Como prova de sua própria familiaridade com os encantados, Antônio Buyawaçu cita uma conversa que teve com Sr. Caetano a respeito de um encontro que ele próprio teve com uma mulher encantada numa praia deserta durante uma de noite de verão no rio Negro:

“A vida do meu sogro não tão fácil assim. Às vezes ele ficava irritado, mas eu já sabia o jeito dele. Quando a gente viajava pelo rio Negro para ir para Barcelos, era coisa certa que ele iria se encontrar com os bichos. Ele dizia que via uma embarcação grande bem iluminada que acompanhava nossa chata até a gente chegar à cidade. Ele dizia que eram seus parentes do fundo. Em uma das nossas viagens, paramos para dormir numa praia. A lua estava grande e a praia parecia uma cidade. Arrumei o fogo para assar uma irapuça e depois fui armar minha rede. Meu sogro lá ficou na beira do fogo. O sono estava me carregando, mas escutava alguém falar alto com meu sogro. Sabe lá o que era! Quando amanheceu havia uma bota morta na praia. Perguntei para o meu sogro se foi ele que havia matado. Ele respondeu que não, pois havia passado a noite inteira brigando com a sua esposa do fundo por causa de uma bota parenta dela que queria fazer estrago para eles. Não sabia se tudo era sonho ou havia acontecido, mas a bota estava lá morta”. (Antônio Buyawaçu, comunidade de Campinas do Rio Preto, junho de 2014).

Quando amanheceu, Buyawaçu observou na praia o esqueleto de uma bota na direção das falas que escutou na noite anterior. Sr. Caetano contou à Buyawaçu que aquele esqueleto era de um encante que poderia ter sumido com ele para sempre do mundo dos humanos, porém, como o ancião gostava de enfatizar, ele pertencia aos dois mundos. Em outra ocasião, Buyawaçu chegou a conversar com as filhas encantadas do seu sogro. Elas apareceram acompanhadas da mãe, uma mulher loira muito bonita. Sr. Caetano sugeriu que as filhas fossem até a rede de Buyawaçu enquanto ele mantinha uma prosa em segredo com a esposa encantada. As filhas que eram botas, mas também se apresentavam como se fossem mulheres loiras, chamavam Buyawaçu de cunhado por ele ser casado com dona Valdiza de Jesus, a filha mais velha do Sr. Caetano. Todas as vezes que aconteciam esses encontros, Antonio acordava confuso, sem saber se aquela situação era real. Todavia, ele perguntava para o sogro, que confirmava toda a situação.

A “poligamia encantada” do ancião baré é o resultado de um pacto realizado entre humanos e não humanos. O pacto faz parte de um acordo que o ancião baré realizou com os “bichos do fundo” para que estes sustentem a comunidade de forma que esta não vá ao fundo, para não sofrer inundação no período da enchente e segurar os moradores para a comunidade não acabar, como aconteceu em Thomar, Pai Raimundo, Lamalonga e outras

comunidades do rio Negro que estão assentadas acima de cidades encantadas. Quando o ancião faleceu, seus parentes humanos mais próximos temiam pelo futuro da comunidade. Conflitos sociais de diversas ordens foram eclodindo: por exemplo, uma acusação de feitiçaria entre irmãos levou um grupo doméstico a deixar a comunidade, levando a uma queda populacional considerável. Esses problemas começaram a se tornar constantes. Dentre outros acontecimentos, Dona Luiza Coripaco pereceu dois anos depois do falecimento do marido; uma criança morreu afogada no porto da comunidade sem ter engolido água e soltado a chupeta que segurava na boca. Esse fato levou os pais da criança a considerarem a morte do seu filho como um aviso de que a comunidade estava chegando ao seu fim. “Foi ataque dos encantados” – retrucou a avó da criança que escutava a conversa.

As pessoas se perguntavam se Campinas teria o mesmo fim de Thomar, pois é corrente entre seus moradores que quem sustenta a comunidade é a família encantada do Sr. Caetano de Jesus. Com o falecimento do ancião, os encantados ainda iriam manter o pacto? Depois de algum tempo, os sinais apontam que sim, pois os botos voltaram a estrondar, como nos tempos antigos, em frente à antiga casa do ancião baré.

Assim, frequentemente conversava com as cunhadas da família encantada, recebia conselho do seu sogro, auxílio dos filhos encantados (três botos<sup>16</sup>) que costumeiramente o acompanhavam durante algumas das suas atividades de pesca ou em ocasiões em navegava à noite pelo rio Negro. Sua esposa, era ciente da situação, aprovava a relação porque percebia que os “bichos” ajudavam e protegiam seu marido e nunca o maltratavam: “ele pode, ele tem força”.

Quando seu Caetano de Jesus faleceu, os botos não paravam de estufar em frente a comunidade. Quando o cortejo se direcionou para o cemitério rio acima, três botos acompanharam a canoa até onde pararam para lançar o corpo ao sepultamento. Falaram que os três botos eram filhos encantado do falecido.

“Quando meu sogro faleceu [Sr. Caetano de Jesus], os botos não paravam de estrondar em frente à comunidade. Quando o cortejo se direcionou para o Galoruca [cemitério rio acima], três botos acompanharam a canoa que levava o corpo do velho até a hora quando a chata parou e seus filhos legítimos pegaram pelo caixão e se lançaram rumo ao cemitério. De lá para cá, nunca mais eles vieram estrondar como antes”. (Antonio Buyawaçu, comunidade de Campinas do Rio Preto, junho de 2014).

---

<sup>16</sup> Além dos três filhos botos pertencentes ao gênero masculino, Sr. Caetano ainda tinha duas filhas, mulheres louras, que aparecia encantadas nas praias do rio Negro vestidas com belas indumentárias.

Percebe-se nesses pequenos relatos, que a trajetória do ancião Caetano de Jesus Baré está marcado na memória dos moradores locais, bem como ficou nítido o seu caráter multifocal como pessoa, pois pessoa no rio Negro tem de todos os jeitos e formatos e o ancião trazido aqui para o centro da escrita parece ter vivenciado múltiplas pessoas: índio, freguês, patrão e, sobretudo, um grande xamã que sob controlar os três mundo de acordo com a cosmovisão do seu povo. O mundo subaquático, habitado pelos bichos do fundo e pelas pessoas que não se transformaram em humanos; o mundo celestial habitados pelos santos católicos muito cultuados no rio Negro e o mundo terreno onde existem desarmonias entre pessoas e outros seres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRELLO, Geraldo. **Nomes, posições e (contra) hierarquia:** coletivos em transformação no alto rio Negro. Mimeografado, versão final integrou um período de estágio pós-doutoral no PPGAS/Museu Nacional no segundo semestre de 2014.

ANDRELLO, Geraldo. **Rotas de criação e transformação.** Narrativas de origem dos povos do rio Negro. Instituto Socioambiental, Foirn, São Paulo, 2012.

ANDRELLO, Geraldo. **Falas, objetos e corpos.** Autores Indígenas no alto rio Negro. Revista Brasileira de Ciências Sociais 25(73): 5-26. 2010.

ANDRELLO, Geraldo. **Escravos, descidos e civilizados:** índios e brancos na história do rio Negro. Revista de Estudos Amazônicos. Vol. V, n° 1, 2010, p. 107-144

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do índio.** Transformação e cotidiano em Iauaretê. São Paulo, Editora da UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

JUNIO FELIPE, Henrique. **Lugares, falas e transformação:** Os Yuhupdeh (Maku) do baixo rio Tiquié. Tese de doutorado, PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2018.

MEIRA, Márcio. **Índios e Brancos nas Águas Pretas.** Histórias do Rio Negro. Versão revisada da conferência apresentada no Seminário Povos Indígenas do Rio Negro: Terra e Cultura, organizado pela FUNDAM e FOIRN, Manaus, 1996.

MEIRA, Márcio. **O tempo dos patrões.** Extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié (Alto rio Negro). Dissertação de mestrado, UNICAMP. 1993.

NASCIMENTO, L.A.S. **Patrões, fregueses e donos:** xamanismo e economia no Médio Rio Negro. Tese de doutorado. PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2017.

NASCIMENTO, L.A.S. **Relatório de fundamentação antropológica das comunidades habitantes dos rios Padauri e Preto no Médio Rio Negro.** Mimeografado, Brasília, Funai-Unesco, CGID, 2011.

PERES, Sidnei. **A economia moral do extrativismo no Rio Negro:** aviamento, alteridade e relações interétnicas na amazona. Texto apresentado durante a 30ª Reunião Anual da ANPOCS, Caxambu, 2007.

PERES, Sidnei. **Cultura, política e identidade na Amazônia:** o associativismo indígena no Baixo Rio Negro. Tese de doutorado. UNICAMP. IFCH, Campinas, SP, 2003.

RODRIGUES, Raphael. **Relatos, trajetórias e imagens:** uma etnografia em construção sobre o *Ye'pâ-masa* do Baixo Uaupés. Dissertação de mestrado, PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2012.

WRIGHT, Robin. **Ialanawinai.** O branco na história e mito Baniwa. In. **Pacificando o branco:** cosmologia do contato no Norte-amazônico. (Org.) ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida. São Paulo, Editora da UNESP, São Paulo, 2002.

WRIGHT, Robin M. **Aos que vão nascer.** Uma etnografia religiosa dos índios Baniwa. Tese de Livre-Docência, IFCH, Unicamp, Campinas, 1996.

WRIGHT, Robin M. **História Indígena do Noroeste da Amazônia:** Hipóteses, Questões e Perspectivas. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos moradores da comunidade de Campinas do Rio Preto e aos meus anfitriões José Melgueiro de Jesus, Ladi Balbino Baré e aos meus principais interlocutores Antônio Buyawaçu, Valdiza de Jesus e Derly Tipa Baré. Sem eles não seria possível lançar linhas sobre o ancião Caetano de Jesus Baré. Aos meus professores da cidadinos Geraldo Andrello, Jose de Ribamar Bessa e a Sidnei Clemente Peres. *In memoria* ao professor Geraldo Peixoto Sá, grande conhecedor do rio Negro e a Caetano de Jesus Baré grande sábio rionegrino que tive o privilégio de conhecê-lo.